

A centralidade do Brasil nas ciências sociais francesas

The Centrality of Brazil in French Social Sciences

La Centralidad de Brasil en las Ciencias Sociales Francesas

Jéssica RONCONI

jessica.ronconi@ehess.fr

Doutoranda do Centre Européen de Sociologie et de Science Politique, na École des Hautes Études en Sciences Sociales, e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo.

128

Esta resenha tem como objetivo apresentar o livro *Termos de Troca: intelectuais brasileiros e as ciências sociais francesas* de Ian Merkel, publicado em português em 2023. O autor se interessa pelo papel que o Brasil desempenhou no desenvolvimento das ciências sociais francesas, centrando-se nos intercâmbios entre intelectuais brasileiros e franceses. Ao analisar as trajetórias acadêmicas e os projetos intelectuais de Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Pierre Monbeig e Roger Bastide – intelectuais que, após uma estadia mais ou menos longa em território brasileiro, ocuparam postos de destaque em instituições de pesquisa na França –, Merkel demonstra como o Brasil representou uma oportunidade para que eles explorassem novos métodos e novas teorias nas ciências sociais. Além disso, o autor evidencia que essa experiência no exterior contribuiu, ainda que desigualmente, para o avanço das carreiras desses intelectuais franceses após o retorno à Europa.

Palavras-chave: Intercâmbios Intelectuais, Trajetórias Acadêmicas, Ciências Sociais Francesas, Brasil.

This review aims to present the book *Terms of Exchange: Brazilian Intellectuals and the French Social Sciences* by Ian Merkel, published in Portuguese in 2023. The author is interested in the role played by Brazil in the development of French social sciences, focusing on the exchanges between Brazilian and French intellectuals. By analyzing the academic trajectories and intellectual projects of Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Pierre Monbeig, and Roger Bastide – intellectuals who, after being in Brazil, went on to hold prominent positions in French research institutions –

Merkel demonstrates how Brazil provided an opportunity for them to explore new methods and theories in social sciences. Additionally, the author highlights that this experience abroad, albeit unevenly, contributed to the advancement of these French intellectuals' careers upon their return to Europe.

Keywords: *Intellectual Exchanges, Academic Trajectories, French Social Sciences, Brazil.*

Esta reseña tiene como objetivo presentar el libro *Términos de Intercambio: Intelectuales Brasileños y las Ciencias Sociales Francesas* de Ian Merkel, publicado en portugués en 2023. El autor se interesa por el papel que Brasil desempeñó en el desarrollo de las ciencias sociales francesas, centrándose en los intercambios entre intelectuales brasileños y franceses. Al analizar las trayectorias académicas y los proyectos intelectuales de Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Pierre Monbeig y Roger Bastide – intelectuales que, tras una estancia más o menos prolongada en Brasil, llegaron a ocupar posiciones destacadas en instituciones de investigación en Francia –, Merkel muestra cómo Brasil representó una oportunidad para que exploraran nuevos métodos y teorías en las ciencias sociales. Además, el autor resalta que esta experiencia en el extranjero contribuyó, aunque de manera desigual, al avance de las carreras de estos intelectuales franceses tras su regreso a Europa.

Palabras clave: *Intercambios Intelectuales, Trayectorias Académicas, Ciencias Sociales Francesas, Brasil.*

129

O livro intitulado *Termos de Troca: intelectuais brasileiros e as ciências sociais francesas*, do historiador Ian Merkel, aborda um tema já muito trabalhado nas ciências sociais brasileiras, qual seja, a vinda de pesquisadores franceses ao Brasil no contexto de fundação de universidades nacionais. No entanto, o livro propõe uma perspectiva alternativa dos termos de troca entre os dois países, ao enfatizar não o papel da França na consolidação das ciências sociais brasileiras, mas a centralidade do Brasil e dos brasileiros no desenvolvimento das ciências sociais francesas. Para tanto, o autor empreendeu um trabalho de arquivo no Brasil, na França e nos Estados Unidos, centrando-se em quatro figuras emblemáticas: o antropólogo Claude Lévi-

Strauss, o historiador Fernand Braudel, o geógrafo Pierre Monbeig e o sociólogo Roger Bastide. Dividido em seis capítulos, o livro apresenta o papel que o Brasil teria desempenhado nas trajetórias acadêmicas e na produção intelectual desses pesquisadores, debatendo-se sobre as parcerias, oposições e aproximações no que tange às suas metodologias, às estratégias de carreira e às posições que eles viriam a ocupar no campo universitário francês.

Lévi-Strauss, Monbeig e Braudel, que chegaram no ano seguinte à fundação da Universidade de São Paulo, em 1935, buscavam se afastar tanto da sociologia durkheimiana quanto das humanidades clássicas e da filosofia social triunfantes

na França. No caso da geografia de Monbeig, isso significaria um currículo não mais centrado nos conhecimentos gerais, mas nas questões empíricas do espaço paulistano, expandindo, desse modo, sua pesquisa sobre a geografia humana. Na sociologia cultural, Lévi-Strauss, até então professor agrégé em Filosofia, aliou-se aos colegas franceses em São Paulo e se aproximou da antropologia norte-americana, notadamente de Franz Boas, afastando-se dos “fatos sociais” em prol da expressão cultural e da linguagem por meio da pesquisa empírica. No que tange à história de Braudel, que nunca tomou o país como objeto de estudo, sua análise contestava a universalidade da teoria social e defendia a história enquanto ciência unificadora das ciências sociais.

Chegando ao Brasil, eles eram celebridades retratadas em *O Estado de S. Paulo*, ficavam hospedados em hotéis luxuosos no centro da cidade e depois se mudavam para os bairros dos Jardins, onde desfrutavam dos serviços de trabalhadores domésticos e de motoristas. Enquanto representantes da França, a viagem ao Brasil lhes concedeu prestígio e autoridade permitindo-lhes conhecer intelectuais, artistas e políticos burgueses. Além de experenciarem uma ascensão social que não teriam conhecido na França naquele momento de suas carreiras, o fato de a USP ser uma universidade inteiramente nova e que ambicionava fundar uma abordagem nacional permitiu com que Lévi-Strauss, Braudel e Monbeig conhecessem uma liberdade acadêmica e intelectual excepcional. Mesmo que este não tenha sido o cenário encontrado por Bastide, que integrava uma universidade institucionalizada ao ser convocado para substituir Lévi-Strauss, já sob o regime do

Estado Novo, é possível dizer que esses quatro jovens professores franceses tinham condições de trabalho privilegiadas na universidade paulista.

A inserção privilegiada desses estrangeiros tanto do ponto de vista social quanto intelectual se refletiu no trabalho de campo que eles desenvolveram no Brasil. A leitura das obras dos brasileiros e a interlocução com intelectuais e autoridades nacionais altamente qualificados e influentes possibilitaram aos franceses viajar pelo interior do país. O estudo sobre a expansão paulista de Monbeig, por exemplo, foi facilitado pelo acesso a documentos das propriedades de terra e do transporte de mercadorias fornecidos pelos seus interlocutores brasileiros. Suas excursões pelo interior paulista foram ancoradas pela crença de que São Paulo seria a locomotiva do país, com a exaltação da figura do bandeirante e inspiração em uma bibliografia norte-americana que o levou a trabalhar a noção de fronteira móvel no avanço de São Paulo para o interior do Brasil. Ele e Lévi-Strauss se tornariam amigos durante as viagens que faziam no país, e a convivência e afinidade intelectual entre eles resultariam em laços de solidariedade mantidos após o retorno à França.

Com vistas a tornar-se um etnólogo, Lévi-Strauss se interessou pelas comunidades nativas que pudessem ser consideradas as mais primitivas e se beneficiou da comunidade paulistana que o acolheu e o financiou em seu projeto. Segundo o autor, o campo junto aos bororós teria sido central para sua virada etnológica e reflexão sobre as trocas e laços de parentesco que viriam a ser trabalhados em As estruturas elementares do parentesco. Esse trabalho sobre os indígenas brasileiros lhe rendeu

um artigo resenhado por Monbeig, apreciado tanto na França quanto nos Estados Unidos, onde posteriormente ele seria contratado. Se o Brasil foi importante em sua trajetória, os Estados Unidos foram tanto ou mais influentes em sua antropologia, pois valendo-se da familiaridade com a antropologia americana empírica e com a formação francesa com pretensão à universalidade, ele pôde, em um momento de desvalorização das instituições francesas, tomar o parentesco enquanto campo e desenvolver uma teoria sistemática, não localizada, para além do estudo de um caso em específico.

No que concerne a Braudel, ele foi o que menos se envolveu com o Brasil, voltando sempre que possível para a Europa e levando os arquivos europeus para o desenvolvimento de seu trabalho em terras brasileiras. Ele fazia uma distinção entre o Brasil civilizado e o sertão primitivo, também imbebido pelo mito dos bandeirantes e da esperança da modernidade e progresso paulista. Para ele, o norte e nordeste do país remetiam a uma velha Europa, de modo que seria possível entender como funcionavam as cidades portuárias do Mediterrâneo, como Gênova e Veneza, a partir de Salvador. Assim como os demais, Braudel aproveitou sua estadia no Brasil para se inserir nas redes de relações transatlânticas, uma vez que foi em uma dessas viagens a bordo entre os dois continentes que ele conheceu e passou semanas dialogando com seu futuro orientador, o historiador Lucien Febvre.

Sendo o professor que menos viajou e que ficou mais tempo no Brasil, Bastide mergulhou na literatura e nas obras de intelectuais brasileiros, reconhecendo no trabalho de seus pares o desenvolvimento de metodologias próprias e nacionais.

O interesse de Bastide centrava-se nas religiões afro-brasileiras e na política racial na vida cotidiana e sua pesquisa sobre o misticismo enfatizava os agentes para a compreensão da transmissão cultural e do preconceito racial. Integrando psicanálise à sociologia, ele buscava entender os negros enquanto objeto e sujeito de suas culturas, destacando o que havia de brasileiro na cultura afro-brasileira.

Além do período dos professores franceses no Brasil e do desdobramento dessa vivência em suas obras, Merkel analisa a importância das redes ali criadas para alavancar a carreira desses intelectuais franceses no período do pós-guerra e favorecer sua inserção na França: o desafio do grupo era reconverter a experiência internacional no contexto intelectual francês. Ao final da guerra, Braudel reassumiu seu posto na 5^a seção da École Pratique des Hautes Études; Lévi-Strauss permaneceu algum tempo ainda em Nova Iorque como conselheiro cultural; Monbeig se tornou professor de geografia colonial em Estrasburgo e Bastide seguiu na Universidade de São Paulo até 1954. Na década de 1960, todos os personagens franceses dessa história já haviam retornado à França e ocupavam posições centrais nas ciências sociais francesas. As redes desses pesquisadores franceses se consolidaram sobretudo na 6^a seção da École Pratique des Hautes Études, no Musée de l'Homme, e na revista dos *Annales*. Se no Musée de l'Homme foi criado um centro de estudos chamado Institut Français des Hautes Études Brésiliennes, na 6^a seção da École Pratique havia um polo institucionalizado de pesquisa sobre a América Latina, o que se refletia nos *Annales*, onde foram publicadas resenhas sobre as obras de Freyre e de Caio Prado Jr.

A partir da leitura de Termos de Troca vemos que o Brasil representou uma possibilidade de exploração de novos métodos para as ciências sociais francesas, de criação de novas instituições no universo intelectual francês e de construção das carreiras desses intelectuais franceses que ali atuaram. Se o argumento principal do autor consiste na centralidade do Brasil e dos brasileiros nas ciências sociais francesas, o livro vai além do próprio argumento ao incluir

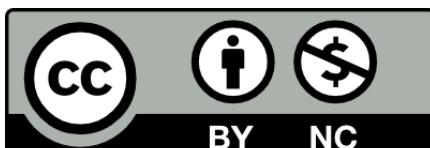
os Estados Unidos nessa equação, discutindo as relações estabelecidas e as posições ocupadas no Brasil, nos Estados Unidos e na França no contexto geopolítico e intelectual do momento histórico analisado. Acompanhando de perto as trajetórias dos pesquisadores franceses que aqui estiveram, Ian Merkel produz, assim, uma grande contribuição às abordagens transnacionais das circulações de ideias e de intelectuais.



Referências

Merkel, I. (2023). *Termos de Troca: intelectuais brasileiros e as ciências sociais francesas*. 1. ed., São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 384 p.

Recebido em 10/12/2024. Aprovado em 18/12/2024.



Selo Licença CC BY-NC 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International - CC BY-NC 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio para fins não comerciais, desde que o trabalho original seja corretamente citado.